

2 Ascensão de Bizâncio, Império Romano do Oriente

Menos afetada pela turbulência das invasões do século V, a parte oriental do Império Romano tornou-se uma potência no mundo mediterrâneo ao longo dos séculos seguintes. Apesar da influência romana, evidente na estrutura política do império, heranças gregas e asiáticas tornaram a cultura bizantina diferente da romana nos mais variados aspectos: religioso, arquitetônico, artístico, linguístico. O idioma falado em Bizâncio era o grego.

A sede do Império Romano do Oriente ou Império Bizantino era a cidade de Constantinopla, situada na margem ocidental do estreito de Bósforo (atual Istambul, na Turquia). Era um ponto estratégico, localizada no eixo comercial que ligava o mar Negro ao mar Egeu. Originalmente, o nome da cidade era Bizâncio; somente no século IV passou a se chamar Constantinopla, em homenagem ao imperador Constantino.

Os motivos religiosos inspiraram a criação de grandes **mosaicos**, expressão máxima da arte bizantina, que, além de decorar fontes e abóbadas, eram um meio de instrução espiritual para os fiéis. Retravam a vida de Jesus, dos profetas e dos imperadores bizantinos, cujo poder era considerado divino. O dourado era usado em abundância e as figuras eram representadas de frente, ignorando volume e perspectiva.

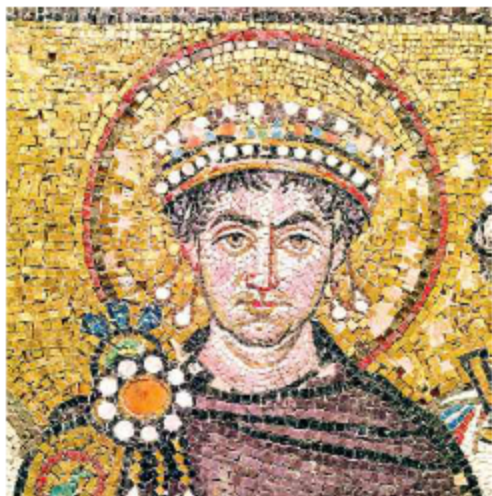
A arquitetura conjugava o arco, a abóbada e a cúpula, formatos arredondados, com um plano centrado, em forma quadrada ou em cruz grega.

O Império Bizantino conheceu seu esplendor durante o reinado de Justiniano (527-565), que procurou restaurar a autoridade imperial em territórios controlados pelo antigo Império Romano, mantendo o mar Mediterrâneo como eixo da economia. Restabeleceu os quadros administrativos romanos e determinou a compilação e revisão do Direito Romano. Em 528, nascia o Código de Direito Civil (*Corpus Iuris Civilis*), cujo livro mais importante, o **Código de Justiniano**, afirmava o poder ilimitado do imperador e a submissão de colonos e escravos aos seus senhores.

Christophe Boissieux/
Corbis/Lainstrook



A explosão de cores da arte bizantina é usada para decorar a abóbada da igreja de Panaya tou araka, no Chipre (século XII). Cristo é rodeado por anjos e santos.



Basilica de San Vitale, Ravenna, Itália

Detalhe de mosaico bizantino (c. 547) representando Justiniano I. O caráter divino do imperador do Oriente é ressaltado por um halo que envolve sua cabeça.



Código de Justiniano em Bizâncio.

528

Os bizantinos conquistam a África do Norte.

534

John Farnham Alamy/Other Images



Basílica de Santa Sofia, em Istambul, Turquia. Fotografia de 2006.

O governo de Justiniano também realizou obras de cunho militar, como fortalezas e castelos, e outras de cunho urbano ou religioso, como a monumental Basílica de Santa Sofia. O imperador era considerado o representante de Deus na Terra, uma característica visível nas pinturas, nos mosaicos, nos vitrais e demais obras de arte: a cabeça imperial era rodeada por um halo, semelhante ao das imagens dos santos.

Cesaropapismo

Submetida ao imperador bizantino, a Igreja de Constantinopla se mantinha autônoma em relação ao patriarca de Roma (o papa). O mesmo ocorreu em outras sedes da Igreja oriental, incluindo partes da Europa do leste, onde os patriarcas eram autônomos e só formalmente subordinados ao patriarca de Roma. Nos territórios de Bizâncio, a maior autoridade da Igreja era o imperador. Portanto, desde o início da Idade Média, ou mesmo antes, as Igrejas do Ocidente e do Oriente eram quase separadas. No entanto, a ruptura total somente se consumaria com o Grande Cisma do Oriente, no século XI, com a fundação da Igreja ortodoxa ou Igreja grega, que conheceu diversas ramificações.

A questão iconoclasta

O cristianismo de Bizâncio nem sempre caminhou de mãos dadas com a Igreja de Roma. Entre os séculos VIII e IX, a representação e o culto às imagens da Virgem, de Jesus, dos anjos e dos santos foram proibidos no Império Bizantino. Em 730, **iconoclastia** tornou-se doutrina oficial, por decreto do imperador Leão III, proibindo o culto às imagens. Artistas, sacerdotes e fiéis que produziam ou adoravam imagens foram perseguidos. Vários deles fugiram para o Ocidente.

Em 785, as tentativas para pôr um fim ao iconoclasmo, promovidas pela imperatriz Irene, foram malsucedidas. Somente em 843 o culto às imagens foi restaurado.

O Império em expansão

A ambição em resgatar a glória do antigo Império Romano significou a adoção de uma política expansionista. Utilizando-se de poderosa frota de guerra e de numeroso exército, os bizantinos realizaram campanhas no Mediterrâneo ocidental, conquistando, durante o século VI, os reinos vândalo (no norte da África), ostrogodo (na península Itálica) e visigodo (na península Ibérica). O império de Justiniano firmava-se, assim, como grande potência mediterrânea.

Após a morte de Justiniano (565), os domínios bizantinos se reduziram no Ocidente, devido aos ataques dos lombardos (na península Itálica) e eslavos (nos Bálcãs). No Oriente Próximo, Bizâncio sofreu derrotas para a Pérsia Sassânida, empenhada em controlar rotas de acesso ao Mediterrâneo, cujo exército se apoderou da Síria, da Palestina e do Egito.

A crise provocou mudanças nas instituições bizantinas, durante a dinastia Heráclida (610-717). A administração foi reestruturada a partir de prioridades militares. Até o século XI, passou-se ainda a conceder terras a particulares em troca da prestação do serviço militar.

Mas nada disso conseguiu restaurar a condição de grande potência que o Império Bizantino ostentou no século VI. Os bizantinos tiveram de se defender de velhos e novos inimigos, sobretudo os povos islamizados, que se expandiram de forma espetacular no século VII, como veremos no capítulo seguinte.